

Clarice e Carolina: Trabalho, gênero e classe nos anos 60

Jéssica Santos¹ & Valeria Rosito²

1. Jéssica Santos Ferreira Graduanda do 8º período do Curso de Letras Português/Literaturas; 2. Valeria Rosito. Orientadora. UFRRJ/ Instituto Multidisciplinar GP CNPq/UFRRJ GEDIR - Gênero, Discurso e Imagem.

palavras-chave: Trabalho; Estudos de gênero; Clarice Lispector; Carolina de Jesus.

Introdução

O presente trabalho ilumina o trabalho na trajetória díspar de duas escritoras contemporâneas nas décadas de 50 e 60, a saber, Clarice Lispector e Carolina de Jesus. A primeira é branca e de classe social privilegiada e a segunda negra e de classe social menos privilegiada. Ambas trabalhavam com escrita e, portanto, tinham no papel o suporte essencial para sua subsistência. Clarice viveu durante anos de sua escrita, assim como Carolina, que, além de reciclar o papel que catava no lixo para escrever ainda vendia parte dele. Ao nos debruçarmos sobre as duas percebemos que o contexto histórico propiciou o surgimento de Carolina como escritora, o que simulava uma suposta mobilidade social, o mito *self-made woman*. (MEIHY, 1996, p. 8) Contudo, Clarice Lispector sempre obteve lugar de prestígio socialmente e enquanto escritora. Embora Clarice disputasse projeção em um cenário predominantemente masculino, Carolina esteve em posição desigual por sua “subalternidade” não só por gênero, mas também por raça.

Metodologia

Propusemos uma análise comparativista de aspectos bio e bibliográficos em Clarice Lispector e em Carolina de Jesus. Examinamos as crônicas de Clarice Lispector para o *Jornal do Brasil*, publicadas posteriormente no livro em formato diarístico *A Descoberta do Mundo*, e os diários de Carolina Maria de Jesus.

Resultados e Discussão

A divisão social do trabalho por gênero é de modo que ao masculino é destinado o espaço público e ao feminino o privado. No espaço privado esse feminino se biparte fazendo com que a mulher negra se ocupe do serviço doméstico como profissão. Sobre esse aspecto aborda Sueli Carneiro em seu texto “Mulheres em movimento” em que cita:

O fato de 48% das mulheres pretas [...] estarem no serviço doméstico é sinal de que a expansão do mercado de trabalho para essas mulheres não significou ganhos significativos. [...] quando as mulheres negras conseguem investir em educação numa tentativa de mobilidade social, elas se dirigem para empregos com menores rendimentos e menos reconhecidos no mercado de trabalho. (LIMA, 1995 Apud CARNEIRO, 2003, p.5)

O trabalho para as duas escritoras se configura de maneira diferente: Clarice Lispector, diferentemente de Carolina de Jesus, não necessitava se submeter a empregos desvalorizados. E também a escrita enquanto profissão se realiza de forma díspar nas duas: enquanto uma, em determinado momento, tem “pudor” em escrever para ganhar dinheiro, a outra escreve desejando ganhar dinheiro para seu sustento. Clarice Lispector inicia um vínculo

empregatício com o Jornal do Brasil para escrever crônicas em uma coluna semanal e em uma delas diz que aceitou tal proposta por estar precisando de dinheiro. “Minha pequena projeção fere o meu pudor. [...] Escrevo agora porque estou precisando de dinheiro”. (LISPECTOR, 1984, p.63) Clarice, mesmo se aventurando em um gênero considerado menor, quando começou a escrever para o JB já era reconhecida como escritora consagrada. Carolina, no entanto, não obtivera projeção durante muito tempo enquanto produzia. Tentara diversas vezes junto às editoras ver seus manuscritos publicados, e diz, “se estou escrevendo, e porque tenho pretensões – quero comprar uma casinha para os meus filhos” (JESUS, 1996).

Em uma das crônicas Clarice Lispector expõe a fala de um amigo que diz, “coisas sérias você já escreveu, e todos os seus leitores hão de entender que sua crônica semanal é um modo honesto de ganhar dinheiro.” (LISPECTOR, 1984) Clarice obtinha sustento por meio de sua escrita. Carolina também desejava viver de sua escrita, “Eu disse: meu sonho é escrever/ responde o branco: ela é louca/ o que as negras devem fazer/ é ir pro tanque lavar roupa”(JESUS, 1996) Contudo, a Carolina restava empregar-se como doméstica ou catar papel. E, resistindo ao controle de seu tempo em favor de sua escrita (ROSITO, 2015) desistiu da primeira e escolheu a segunda ocupação. Ela catava papel para obter seu sustento, e era também o meio onde ela obtinha os livros que lia e os cadernos que reutilizava para escrever seus diários, romances, poemas, contos e peças de teatro.

Conclusão

As duas escritoras se iluminam mutuamente porque a comparação entre elas relativiza a divisão social do trabalho por gênero, e o fragmenta pelo fator de raça. A justaposição das duas em um mesmo contexto histórico evidencia de que maneira as relações sociais no mesmo gênero se dimensionam. Concluimos que as relações sociais e profissionais na atualidade são legatárias de moldes antigos. E que não só a característica de gênero, como também a raça é ainda um fator de restrição para a mobilidade social.

Referências

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300008&script=sci_arttext> Acesso em: 20 de outubro de 2014.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho Diário*. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. SP, editora Xamã, 1996.

LISPECTOR, Clarice. *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro, editora Rocco, 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. O inventário de uma certa poetisa. In JESUS, Carolina Maria de. *Antologia Pessoal*. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy. Editora UFRJ, 1996.

ROSITO, Valeria. Literatura brasileira a contrapelo ou o que querem e o que podem os estudos carolinianos na cena acadêmica contemporânea. In org. BARCELOS, Sergio da Silva. *Vida Por Escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus*. MG, editora Bertolucci, 2015.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte, editora UFMG, 2010.